



CARTA SEMANAL

O Canário da Mina **82**

22 DE NOVEMBRO DE 2024

Não ficará pedra sobre
pedra

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



Não ficará pedra sobre pedra

Em edições anteriores de “O Canário da Mina” (OCM), já falamos sobre qual seria o impacto das promessas de Donald Trump sobre a economia mundial. Agora, como continuamos sem notícias concretas sobre o famoso “pacote fiscal” do governo brasileiro, usaremos o OCM desta semana para discutir os impactos que a presidência de Trump poderia ter sobre algumas questões geopolíticas.

Apesar de não ser o tema mais “quente” do momento, vamos começar com nosso “quintal” – a América Latina.

Inicialmente vista como uma região que seria negligenciada por Trump, a América Latina acabou voltando ao “jogo” por dois motivos. O primeiro foi a escolha de Marco Rubio, senador pela Flórida, como secretário de Estado; e o segundo foi a expansão da China na região. Inclusive, dificilmente podemos pensar no primeiro sem levar em consideração o segundo.

Rubio, que foi pré-candidato republicano neste ano, é descendente de cubanos e fala espanhol fluentemente. Até por isso, depois de muitos anos, veremos um secretário de Estado com olhos para a América Latina. O interessante em sua biografia é que, apesar de dizer que seus pais fugiram de Fidel Castro, na verdade eles emigraram para os Estados Unidos durante o governo de Fulgencio Batista, que antecedeu o regime comunista na ilha. Isso pode parecer apenas uma questão pitoresca em seu currículo, mas mostra o repúdio que Rubio tem contra governos de esquerda. Por isso, não parece surpresa que ele queira criar um grupo de direita na região com países como Argentina, El Salvador e Peru, contra a influência da China. Uma má notícia para o Brasil, que provavelmente não contará com a boa vontade do governo americano. Certamente a aproximação que vimos entre Lula e Xi Jinping, durante e depois do G20, já deve ter sido um reflexo desse novo cenário que se vislumbra para a região. Entretanto, a questão imigratória e a ideia fixa de Trump de deportar imigrantes ilegais vão forçá-lo a abrir canais de comunicação com governos de esquerda, como de Cláudia Sheinbaum, no México. Portanto, não será apenas na economia que algumas políticas de Trump vão se esbarrar, assim como não será apenas na economia que China e EUA vão se esbarrar nos próximos quatro anos. Por isso, a questão chinesa será nosso segundo tópico.

Toda a equipe de segurança nacional escolhida até agora, incluindo o vice-presidente J.D. Vance, considera a China a maior ameaça mundial à soberania americana. Na verdade, é difícil achar nos EUA alguém que não pense assim. Mas, aqui, teremos outras confusões entre as políticas externas de Trump. Por exemplo, a promessa do futuro presidente de não engajar os EUA em guerras internacionais vale para o apoio americano à Taiwan? Como tirar os EUA do AUKUS sem mandar uma mensagem de que os americanos vão deixar o Mar da China e o Pacífico Sul à mercê da China? Perguntas difíceis. A resposta à primeira pode representar a diferença entre termos ou não uma guerra direta entre China e EUA em um futuro não muito distante. Já deixar seus aliados à própria sorte diante de

ameaças da China – e, por que não, da Coreia do Norte –, pode acarretar uma corrida nuclear em países como Japão e Coreia do Sul, enterrando de vez o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e aumentando exponencialmente a chance de algum conflito nuclear mais à frente. Além disso, não podemos esquecer dos interesses pessoais de Elon Musk, ungido como um dos principais assessores de Trump, para com a China. Como serão conciliados com o desejo de estrangular a economia chinesa?

Como os problemas entre a China e os EUA vão muito além de uma mera questão econômica, tendo a ver com a manutenção da influência mundial americana, podemos ver algumas tensões aqui e ali, que sempre trarão volatilidade aos mercados, mas também sempre haverá a possibilidade de acordos. Trump é um negociador nato, e os chineses nunca agem com o fígado.

Por falar em “agir com o fígado”, vamos ao nosso terceiro tópico da política externa de Donald Trump – a guerra na Ucrânia.

A intuição diz que Vladimir Putin seria o grande vencedor internacional da eleição de Trump, principalmente pela promessa do futuro de presidente de acabar com a guerra na Ucrânia antes mesmo de tomar posse. Isso poderia sugerir que a Ucrânia seria deixada à própria sorte e Putin teria o caminho aberto para conquistar todo o seu território ou conseguir um acordo benéfico, territorialmente falando. Entretanto, como já comentamos algumas vezes em OCMs anteriores, nossa intuição pode nos trair. Vamos por partes. A ideia de largar a Ucrânia à própria sorte não é unanimidade no entorno de Trump. Por exemplo, tanto seu conselheiro para Segurança Nacional, Mike Waltz, quanto o indicado para ser o secretário de Defesa, Pete Hegseth, têm várias restrições com relação à Rússia e, certamente, não apoiariam a ideia de deixá-la ficar com a Ucrânia. Na nossa concepção, acreditamos que Trump vai conseguir o que prometeu, mas de outra forma – pressionando ambos os lados. Ameaçando a Ucrânia de cortar o apoio financeiro e militar e a Rússia de dobrar a aposta na Ucrânia. Além disso, pode prometer a Putin reduzir as sanções, que, nesta semana, foram endurecidas pelo governo Biden. No fim, a Ucrânia deverá abrir mão da região de Donbas, de maioria russa, da Crimeia e da pretensão de entrar na OTAN. Por outro lado, terá salvo-conduto para se associar à União Europeia. Com isso, um cessar-fogo seria alcançado.

Um efeito colateral interessante dessa aproximação entre Rússia e EUA seria quebrar o “eixo do mal”, composto de Rússia, China Coreia do Norte e Irã. Rússia e China sempre desconfiaram uma da outra, principalmente porque dividem fronteira. A Coreia do Norte é uma parceira de ocasião, como no caso dos soldados norte coreanos que foram lutar na Ucrânia. Assim como o Irã, que fornece os drones para o exército russo. Com o fim da guerra, os dois últimos não seriam mais tão necessários, assim como a China, se as sanções fossem alteradas. Seria uma “tacada de mestre”. Só falta “combinar com os russos”, literalmente.

Por falar em Irã, este verá sua situação piorar. Devemos lembrar que, no primeiro mandato, Trump retirou os EUA do acordo nuclear do Irã e impôs sanções duras ao país persa. Além disso, existe um clima amplamente favorável ao seu

maior inimigo, Israel, no entorno do futuro presidente. Elisa Stefanik, escolhida para ser embaixadora dos EUA na ONU, liderou o Congresso nas críticas aos reitores universitários, por terem sido muito permissivos durante as manifestações pró-palestinos e promete apoio incondicional a Israel. Além disso, existe a possibilidade de que o embaixador americano em Israel seja Mike Huckabee, ex-governador do Arkansas. Líder evangélico, é conhecido por afirmar que os palestinos não existem como povo e por defender que a Cisjordânia deveria ser anexada por Israel. Portanto, se no caso da guerra na Ucrânia há uma chance de o conflito ser encerrado nos próximos meses, no que se refere aos conflitos no Oriente Médio, a tendência é de que piorem, inclusive com um ataque conjunto entre EUA e Israel às instalações nucleares do Irã não podendo ser descartado. Talvez por isso, Teerã voltou a se aproximar da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), garantindo que não vai ultrapassar o nível de enriquecimento de Urânio necessário para fazer uma bomba atômica.

Se certamente Israel tem muito a ganhar com o governo de Donald Trump, as questões climáticas têm muito a perder. Primeiro ele deve retirar os EUA do Acordo de Paris, como já fez no primeiro mandato. Além disso, Trump já deixou claro que vai aumentar a produção de petróleo, inclusive incentivando a exploração do Alasca, como forma de derrubar os preços da gasolina nos EUA e compensar uma possível pressão inflacionária vinda do aumento de tarifas de importação. Mais uma vez, uma má notícia para Lula, que queria fazer da COP 30, a ser realizada em Belém no ano que vem, uma vitrine de seu governo para o mundo, e, agora, terá um evento possivelmente esvaziado pela ausência dos EUA. A retirada da delegação da Argentina da COP 29 no Azerbaijão, pode ter sido apenas uma avant-première do que nos espera na COP 30 de Belém.

Assim como nos assuntos econômicos, provavelmente veremos um terremoto nas questões geopolíticas. Os modos de Trump para se relacionar com os demais países, sejam eles aliados ou não, não têm nada de convencional, portanto tentar projetar os resultados com uma “cabeça” convencional se torna uma tarefa hercúlea. Entretanto, algumas coisas parecem claras. A guerra na Ucrânia é mais fácil de acabar que a que ocorre no Oriente Médio, e Israel vai sair beneficiado, com o Irã sendo um grande perdedor. Para o Brasil a situação também não é boa. Depois de décadas, teremos um secretário de Estado que se preocupa com a América Latina, mas estaremos do lado “errado”, segundo o ponto de vista de Marco Rubio. Além disso, a grande aposta de Lula para se mostrar para o mundo, após o sucesso do G20 no Rio de Janeiro, a COP 30 em Belém, corre o risco de fracassar com a ausência dos EUA. Por falar em COP 30, quem se preocupa com o meio ambiente deverá passar os próximos quatro anos de “cabelo em pé”, obviamente no caso de os ter.

Frase da Semana

“O primeiro método para avaliar a inteligência de um governante é olhar para os homens que estão à sua volta.”

Maquiavel

G5 Partners	2022	2023	2024	2025
IPCA (%)	5,79	4,62	4,60	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	11,75	12,00
USDBRL	5,28	4,86	5,50	5,70
PIB (%)	3,00	2,90	3,10	2,00